

METAMORFOSES

PENSAR O MUNDO EM TEMPOS DE PANDEMIA

Casa, trabalho, alimentação e lazer:
fronteiras diluídas



Christiane Gasparini
Especialista em
Segurança Alimentar e
Nutricional

Karen Acioly
Articuladora da
Cultura da Infância



Mediação/Análise:
Mário Fernandes

Graduado em Educação Física, mestre
em Planejamento e Gestão de Serviços
em Hospitalidade, Gerente do Sesc
Campo Limpo

14/10 – 17h
Inscrições a partir de 28/09
bit.ly/ciclotmetamorfoses

Realização:

instituto
casa comum

sesc

Mário Fernandes

Esta semana completo 24 anos de carreira no Sesc São Paulo, decido começar minha reflexão por este fato, pois trata-se algo muito significativo e marcante na minha vida. Senão vejamos, o início da minha trajetória junto a essa instituição se deu ainda na tenra idade, considerando ainda que em geral os homens amadurecem mais tarde eu era apenas um garoto. E se pensarmos nas leis previdenciárias aprovadas recentemente, tenho ainda quase que o mesmo tempo adiante de serviços a serem prestados.

Minha vivência nesta instituição forjou muito do que sou hoje, encontrei no SESC um espaço para viver minhas utopias. Me vi no trabalho, diante do Lazer, fenômeno da sociedade contemporânea, parece paradoxal, mas trabalho a 24 anos com Lazer. Mas o que seria isso? Do que se trata esse fenômeno? Como fazemos disso uma realidade? Tratarei dessas questões um pouco mais adiante.

Vivemos um momento ímpar na história de nosso país, a pandemia afeta a todos, pessoas físicas e jurídicas, certamente não sairemos ilesos dessa. Tudo indica que essa pandemia de saúde pública veio acompanhada de outras tantas pandemias, e talvez a mais grave a pandemia da Ética, em especial no Brasil. O SESC surgiu ao final da II Guerra Mundial, naquela

época se fazia muito necessária uma instituição que cuidasse fundamentalmente das pessoas, ao longo de sua existência o SESC vem fazendo isso.

São 74 anos realizando ações que provam e reafirmam o óbvio, cuidar das pessoas é essencial para o desenvolvimento de uma nação. Naquela época do pós Guerra essa missão era primordial e na minha modesta forma de ver, o que vivemos agora só se compara ao vivido no pós guerra. Quero dizer, portanto, que cuidar das pessoas hoje é tão fundamental como foi no período pós conflito mundial.

Mas como cuidamos das pessoas no SESC? Onde o Lazer entra nessa relação de cuidado? O pretendemos ao proporcionar momentos de Lazer àquelas pessoas que nos procuram? Há que se dizer que essas questões têm respostas em constante evolução, é inegável constatar que o Lazer que experimentamos hoje não teria correspondência com o Lazer vivido em décadas passadas.

Atualmente o que experienciamos no SESC tem sintonia com a ideia de educação não formal. Uma educação voltada ao desenvolvimento humano, à humanização, à diversidade de ações e públicos, à convivência, ao encontro e diálogo e que valoriza o caráter civilizatório de nossas propostas.

Ao longo desses 74 anos o SESC desenvolveu e vem aplicando uma pedagogia de ação cultural que no limite procura extrair do ser humano aquilo que ele tem de melhor. É no tempo e no espaço do Lazer que nossas ações se dão. As práticas esportivas, as linguagens artísticas e ações de saúde são ferramentas e conteúdos desta pedagogia.

Trabalhar nesta instituição cercado por este propósito preencheu minha vida de significado. Tenho orgulho de fazer parte deste projeto e contribuir minimamente com esses objetivos. Se perguntam para mim, o que você faz para viver? Costumo responder, trabalho para que as pessoas sejam mais felizes.

Nesta pandemia tivemos que nos reinventar, ampliamos nossas ações de ambiente virtual tentando suprir a impossibilidade momentânea do convívio social. Acredito que fomos bem sucedidos, mas como Edgar Morin sublinhou, nada substitui o convívio humano, nada substitui o cheiro do café. Embora as “lives” estejam brotando nas redes, ainda sentimos e sentiremos a necessidade da experiência presencial.

Não posso terminar esta reflexão sem antes exercitar meu papel de mediador nesta mesa da qual tenho a satisfação de participar. Um bom mediador, faz boas perguntas. A palavra Metamorfose nunca traduziu tão bem o momento que passamos. Isso significa dizer que temos no momento muito mais dúvidas que respostas.

Hiper trabalho, as fronteiras diluídas entre casa e trabalho. Na contra mão temos o Hiper lazer, hábito comum de hoje em dia: maratonar assistindo séries. Será que está faltando equilíbrio? Alimento que alimenta a alma, comida que não é comida, retomar velhos hábitos é o caminho? Atividade física em casa, pode ser uma saída? A fruição da obra artística no meio virtual, como redefinir esta experiência? Existe novo normal? Daremos mais valor ao que realmente tem valor? Essas e outras muitas questões certamente aparecerão no nosso debate. Até lá...